

Zona Autônoma Temporária: *Web* e Máquinas de Guerra¹

Rodrigo de Oliveira Morais²

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)

Resumo

O objetivo é evidenciar os pontos de contato entre o conceito de máquina de guerra formulado por Deleuze e Guattari e o de Zona Autônoma Temporária (TAZ), de Hakim Bey. Busca-se explicitar a razão pela qual a TAZ pode ser entendida como máquina de guerra. Bey define TAZ como rebelião que não confronta o Estado diretamente, operação de guerrilha que libera uma área de terra, de tempo ou de imaginação. Um movimento artístico ou científico pode ser máquina de guerra, cujo fim é compor um espaço liso para o movimento dos homens, mesmo contra o Estado. Ataque às estruturas de controle, essencialmente às idéias é a proposta de Bey, que clama por novas moralidades privadas e aponta o computador como instrumento fundamental para o pleno potencial das redes de informação não hierárquicas. Fractais, rizoma, invisibilidade são alguns dos conceitos abordados.

Palavras-chave

Zona autônoma temporária (TAZ); máquina de guerra; rede; rizoma; espaço liso.

A TAZ e suas fontes

O objetivo do presente estudo é evidenciar os pontos de contato entre o conceito de máquina de guerra formulado pela dupla Deleuze-Guattari e o de Zona Autônoma Temporária (TAZ, na sigla em inglês), proposto por Hakim Bey em livro homônimo. Mais exatamente, busca-se aqui explicitar a razão pela qual a TAZ pode ser entendida como máquina de guerra³ e avaliar a importância da rede mundial de computadores neste contexto.

Ao discorrer sobre o conceito de TAZ, Bey distingue suas fontes negativas e positivas. As negativas são: a) o esgotamento da idéia de Revolução; b) o que Bey denomina “fechamento do mapa”. As positivas: a) o bando, em detrimento da família; b) o

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista graduado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atualmente cursa o mestrado em Comunicação e Cultura. <rmorais@estado.com.br>

³ O autor escreve sob pseudônimo. Em TAZ, Bey cita o ensaio Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra, de Deleuze e Guattari. Na página 19, escreve: “A ‘máquina de guerra nômade’ conquista sem ser notada e se move antes do mapa ser retificado.”

caráter festivo; c) o nomadismo psíquico. Nos próximos parágrafos, abordarei, brevemente, cada uma delas. A *web* também pode ser considerada uma fonte positiva para a TAZ. Tal aspecto será tratado mais adiante.

Bey se posiciona contra a idéia de Revolução, argumentando que as revoluções, ao engendram novos Estados, resultam em novas opressões, traindo sempre os ideais revolucionários. Historicamente, podemos pensar na Revolução Russa de 1917 como caso exemplar. Libertado da tirania do Estado czarista, após um interregno de democracia soviética, o povo russo recai sob a tirania do Estado, agora em sua encarnação bolchevique. “(...) a trajetória padrão: revolução, reação, traição, a fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo –, a volta completa, o eterno retorno da história, uma e outra vez mais, até o ápice: botas marchando eternamente sobre o rosto da humanidade.”⁴

A expressão “fechamento do mapa” refere-se a uma suposta inexistência de territórios ainda não cobertos pela “malha política” do Estado. O autor afirma que a última porção de terra livre do domínio estatal, ou seja, não reivindicada por uma nação-Estado deixou de existir em 1899. “O nosso século (XX) é o primeiro sem *terra incognita*, sem fronteiras. (...) Nenhum centímetro quadrado da Terra está livre da polícia ou dos impostos... em teoria.”⁵ No primeiro capítulo de TAZ, intitulado Utopias Piratas, Bey fala sobre as redes de informação globais montadas por piratas e corsários do século XVIII, formadas por ilhas e esconderijos remotos, alguns dos quais abrigavam comunidades fora da lei de caráter temporário. O autor afirma que a tecnologia moderna inviabilizou esse tipo de autonomia, reduzindo-a a um sonho romântico. A mesma tecnologia, porém, tornaria possível um mundo de zonas autônomas, no sentido tradicional, mas Bey restringe tal possibilidade ao campo da especulação. Para que se tornem concretas, adverte, a tecnologia teria de estar livre de controle político. Por outro lado, o autor sustenta a viabilidade de um certo tipo de enclave livre, justamente o que ele vem a denominar Zona Autônoma Temporária.

O bando é apresentado como estrutura social mais apropriada à TAZ do que a família nuclear. Bey afirma que a família é gerada pela escassez e produz avareza, inclusive amorosa. O bando, pela abundância, resultando em prodigalidade, generosidade. A família, geneticamente fechada, reproduz um sistema hierárquico de relações sociais, mas o bando é

⁴ Bey, Hakim. TAZ – Zona Autônoma Temporária, São Paulo: Conrad Editora, 2001, p. 17.

aberto, segundo laços de afinidade, e não pertence a uma hierarquia maior, sendo parte de um padrão horizontalizado.

Bey compara a TAZ a um “festival”. Se a Revolução, ao refundar o Estado, conquista permanência, a insurreição, o levante, como afirma o autor, “é um momento que surge acima e além do Tempo, viola a lei da História”.⁶ O levante pode ser fugaz do ponto de vista cronológico, mas nem por isso deve ser considerado uma experiência fracassada. O que interessa aqui são as alterações subjetivas provocadas por essas experiências de ruptura, a percepção de que algo mudou.

Os que participam de levantes invariavelmente notam seus aspectos festivos, mesmo em meio à luta armada, perigo e risco. O levante é como um bacanal que escapou – ou foi forçado a desaparecer – de seu intervalo intercalado e agora está livre para aparecer em qualquer lugar ou a qualquer hora.⁷

Entre os nômades, Bey coloca artistas e intelectuais, trabalhadores imigrantes, refugiados, os sem-teto, turistas, todos que vivem em trailers – assim como os internautas, ou seja, pessoas que viajam pelo ciberespaço, em um deslocamento mental pela rede que não exige sequer que elas deixem seus quartos. Bey define esses “ciganos” como “viajantes psíquicos guiados pelo desejo ou pela curiosidade, errantes com laços de lealdade frouxos, desligados de qualquer local ou tempo determinado, em busca de diversidade e aventura”.⁸ De fato, como explicita, refere-se a todos nós.

Mas o que é a TAZ? Quase uma fantasia poética, responde Bey.

“A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la.”⁹

Em resumo, a TAZ é uma forma de insurreição, exterior ao Estado, que tem a velocidade e a metamorfose como características. Seus grandes trunfos, aponta Bey, são a invisibilidade, ou seja, o segredo, definido como arte marcial, e a invulnerabilidade, uma arte oculta dentro das artes marciais. Em outras palavras, a TAZ é máquina de guerra.

⁵ Idem, pp. 21 e 22.

⁶ Ibid., p. 16.

⁷ Ibid., p. 25.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid., p. 17.

Máquina de guerra

O primeiro ponto de contato entre o pensamento de Deleuze, Guattari e Bey abordado aqui será a idéia de bando, que, como já foi visto, é uma das fontes positivas da TAZ. Na concepção dos autores franceses, os bandos ou maltas são grupos que procedem por rizoma, isto é, têm por fundamento em sua ação a estrutura rizomática, oposta às estruturas arborescentes, estas definidas como hierárquicas e centralizadas, identificadas com o Estado. O rizoma é multiplicidade a-centrada não-hierárquica.

Entre as características do rizoma estão os princípios de heterogeneidade e de conexão, ou seja, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e, mais, isso deve acontecer. Outra é o princípio de multiplicidade, implicando a inexistência de unidade. Há também o princípio de ruptura a-significante, segundo o qual o rizoma pode ser rompido em qualquer lugar e retomado, seguindo a mesma ou outra linha, em contínuo movimento de territorialização e desterritorialização. Temos ainda o princípio de cartografia e de decalcomania. Define-se por cartografia a arte ou ciência de compor cartas geográficas. Decalcomania é o processo de transportar imagens de uma superfície à outra, e refere-se à cópia. Decalcar, em sentido figurado, pode ser entendido como imitar servilmente, quase copiando. Deleuze e Guattari afirmam que o rizoma é mapa e não decalque. O que equivale a dizer que o rizoma é aberto.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (...) Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo.”¹⁰

O fechamento do rizoma, representaria sua arborificação e seu fim, a perda de sua capacidade de conduzir o desejo, pois, afirmam os autores, o desejo se move e se produz sempre por rizoma. Cabe assinalar que, em uma referência aos Estados Unidos, a dupla francesa restringe tudo o que vê como importante (os *beatniks*, o *underground*, os bandos e as gangues) a procedimentos rizomáticos. Interessa aqui ressaltar que Deleuze e Guattari

percebem os bandos, mesmo os criminosos, como metamorfoses de uma máquina de guerra. A diferença morfológica em relação às estruturas arborescentes os distingue e os opõem aos aparelhos de Estado.

Escapar ao Estado é condição para a autonomia da zona temporária. O Estado é soberania, mas só governa sobre o que é capaz de interiorizar, de apropriar, de fagocitar. Polimorfa e difusa, a máquina de guerra é “irreduzível ao aparelho de Estado, exterior à sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte”.¹¹ O mesmo se dá com a TAZ. Tal exterioridade, este fora, aparece em duas direções: grandes máquinas mundiais e mecanismos locais de bandos, margens, minorias. Hoje, talvez, possamos incluir um terceiro elemento: mecanismos mundiais marginais.

Deleuze e Guattari nos falam sobre uma ciência excêntrica, própria dos nômades, que traz em si elementos do pensamento heraclítico¹², cujas características seriam:

1) Parte de um modelo hidráulico, em que o fluxo é a própria realidade; 2) É um modelo de devir e de heterogeneidade que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao constante; 3) O modelo é turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas. 4) Por fim, o modelo implica metamorfose em vez de identidade.

Na terceira característica reside a diferença entre um espaço liso (aberto) e um espaço estriado (fechado). Ao contrário do espaço estriado, que se caracteriza pelo sedentarismo e pela homogeneidade (espaço dos muros, das cercas e dos caminhos pré-determinados), o espaço liso, heterogêneo, é o espaço das multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas, que ocupam o espaço sem medi-lo. Trata-se de um espaço que só pode ser explorado pelo avanço progressivo.

(...) o modelo hidráulico da ciência nômade e da máquina de guerra consiste em se expandir por turbulência num espaço liso, em produzir um movimento que tome o espaço e afecte simultaneamente todos os seus pontos, ao invés de ser tomado por ele como no movimento local, que vai de tal ponto a tal outro.¹³

¹⁰ Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix. *Mil Platôs Vol. 1*, São Paulo: Editora 34, 2000, p. 22.

¹¹ Deleuze, Gilles, e Guattari, Félix. *Mil Platôs Vol. 5*, São Paulo: Editora 34, 2002, p. 12.

¹² Recordemos um dos mais conhecidos fragmentos de Heráclito: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.”

¹³ Deleuze e Guattari, op. cit. 2002, p. 28.

À esta ciência excêntrica liga-se, essencialmente, a máquina de guerra, invenção dos nômades. E, lembremos ainda uma vez, o nomadismo é outra das fontes positivas da TAZ.

Descentralização e desterritorialização são duas características do ciberespaço destacadas pelo coletivo *Critical Art Ensemble* (CAE).¹⁴ O grupo sustenta que a atual elite do capitalismo tardio reinventou, com base na Tecnologia da Informação, um modelo nômade de poder, que é comparado ao modelo histórico dos citas, sociedade agrícola nômade descrita por Heródoto em *As Guerras Pérsicas*.

Sem territórios fixos ou cidades, os citas não eram localizáveis e não podiam ser sitiados ou conquistados. Sua autonomia vinha do constante movimento, ou seja, do próprio nomadismo, que dava aos inimigos a impressão de os citas estarem sempre presentes e prontos para a batalha. O CAE argumenta que o mesmo princípio de distribuição de poder foi recriado pela elite do capitalismo tardio, a partir do ciberespaço, lugar privilegiado de fluxos plásticos, ininterruptos e invisíveis.

Antes da estepe ou do deserto, Deleuze e Guattari apontam o mar como o principal espaço liso, modelo hidráulico por excelência. No mar, afirmam, está colocado o problema que consiste na tarefa de ocupar em movimento turbilhonar um espaço aberto. Movimento cujo efeito pode surgir em qualquer ponto. Parece-me sintomático que ao nos movimentarmos pela rede dizemos estar navegando. Em nota de pé de página, citando Paul Virilio, os autores expõem com clareza o modo como tal questão relaciona-se à idéia de invisibilidade, bem como a importância deste conceito, um dos grandes trunfos da TAZ, convém recordar.

O *fleet in being* é a presença em mar de uma frota invisível, que pode golpear o adversário em qualquer lugar e a qualquer momento (...), é uma nova idéia de violência que já não nasce do confronto direto (...). Não se trata mais da travessia de um continente, de um oceano, de ir de uma cidade a outra, de uma margem a outra, o *fleet in being* inventa a noção de um deslocamento que não teria destinação no espaço e no tempo. (...) O submarino estratégico não tem necessidade de ir a lugar algum, ele contenta-se em permanecer invisível (...) Se, como pretendia Lênin, a estratégia é a escolha dos pontos de aplicação das forças, somos obrigados a considerar que esses pontos, hoje, já não são pontos de apoio geoestratégicos, uma vez que a partir de um ponto qualquer pode-se doravante atingir um outro ponto,

¹⁴ Cf. Critical Art Ensemble. *Distúrbio Eletrônico*, São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

onde quer que este se encontre. (...) A localização geográfica parece ter perdido definitivamente seu valor estratégico, e, inversamente, esse mesmo valor é atribuído à deslocalização do vetor, de um vetor em movimento permanente.¹⁵

Hakim Bey afirma que o ataque deve ser feito às estruturas de controle, essencialmente às idéias. Fazer do pensamento uma máquina de guerra, observam Deleuze e Guattari, é colocar o pensamento em relação imediata com o fora, com as forças do fora. Mais do que distinta do Estado, a máquina de guerra dirige-se contra o Estado. A forma de exterioridade do pensamento é a força capaz de destruir a imagem inspirada no Estado e suas cópias. Aqui, devemos lembrar a existência de um pensamento todo ele conformado à imagem do Estado.

Web como arma

Grave é o Estado, célere a máquina de guerra, nos ensinam Deleuze e Guattari, que acrescentam: “a arma inventa a velocidade, ou a descoberta da velocidade inventa a arma”¹⁶. Ao historiarem o motor, os dois autores concluem que seus dois modelos ideais seriam o do trabalho e o da ação livre. Ao primeiro, associam-se as ferramentas. Ao segundo, as armas.

Na ação livre, o que conta é a maneira pela qual os elementos do corpo escapam à gravitação a fim de ocupar de modo absoluto um espaço não pontuado. As armas e seu manejo parecem reportar-se a um modelo de ação livre, da mesma maneira que as ferramentas parecem remeter a um modelo de trabalho. O deslocamento linear, de um ponto a outro, constitui o movimento relativo da ferramenta, mas a ocupação turbilhonar de um espaço constitui o movimento absoluto da arma.¹⁷

Importante elemento para a compreensão da proposta de Bey, os objetos fractais são gráficos de funções matemáticas de alta complexidade, apontados por Deleuze e Guattari como a definição matemática geral dos espaços lisos. Um fractal é uma forma geométrica, irregular ou fragmentada, divisível em partes que, ao menos aproximadamente, são uma cópia do todo, seja qual for o nível de redução da escala. Isto significa dizer que os fractais possuem como característica a auto-similaridade. Dois objetos geométricos são considerados similares quando possuem a mesma forma, independente de escala. Um

¹⁵ Virilio, Paul, *Vitesse et politique*, apud Deleuze e Guattari, op. cit. 2002, p. 62.

¹⁶ Deleuze e Guattari, op. cit. 2002, p. 73.

¹⁷ Idem, pp. 75-76.

objeto auto-similar é exatamente ou aproximadamente similar a uma parte de si mesmo. Este conceito tem conseqüências importantes para o design das redes de computadores, pois o tráfego de dados nas redes típicas apresenta propriedades auto-similares.¹⁸

A história dos fractais começa em 1872, com o matemático Karl Weierstrass, muito antes de o termo ser cunhado. Apenas em 1960, porém, o matemático Benoît Mandelbrot, criador do termo geometria fractal¹⁹, conseguiu, pela primeira vez, com o auxílio de computadores, visualizar um gráfico deste tipo. Em sua homenagem, entre os objetos fractais figura o Mandelbrot Set. A descoberta dos fractais está ligada às pesquisas sobre a Teoria do Caos, que lida com o comportamento de sistemas dinâmicos não-lineares, como a atmosfera e os fluidos turbulentos. Em geral, estes sistemas podem apresentar cinco tipos de comportamento: repouso permanente, expansão permanente, movimento periódico, movimento quase-periódico e movimento caótico. O movimento caótico pode ser visualizado por meio de diagramas denominados atratores estranhos. Um dos mais conhecidos é o Atrator Lorenz, descoberto em 1963, quando o meteorologista Edward Lorenz, também usando computadores, simulava condições climáticas. O que interessa aqui é ressaltar que os atratores estranhos apresentam estrutura fractal.

Em contraste ao fechamento do mapa, uma das fontes negativas da TAZ, Bey afirma que a zona autônoma está aberta, pois seu des-território seria o da complexidade fractal, imensurável e invisível à cartografia do Controle. “No Mandelbrot Set e em suas variações no campo da computação gráfica, encontramos – num universo fractal – mapas que estão embutidos e escondidos dentro de mapas que estão dentro de outros mapas etc., até o limite do poder do computador.”²⁰

Aqui, abro parênteses para apresentar três conceitos utilizados por Bey. A *net* “pode ser definida como a totalidade de todas as transferências de informações e de dados”, algumas das quais restritas, exclusivas e hierarquizadas, como as militares e bancárias. “Empregaremos a palavra *web* para designar a estrutura aberta, alternada e horizontal de troca de informações, ou seja, a rede não-hierárquica.” A *contra-net* indica o “uso clandestino, ilegal e rebelde da *web*, incluindo a pirataria de dados e outras formas de

¹⁸ Minha principal fonte de pesquisa para objetos fractais e Teoria do Caos foi a *Wikipedia*, enciclopédia digital aberta disponível na rede.

¹⁹ Fractal tem o mesmo radical latino de fratura: *fract*. *Fractus* significa quebrado

²⁰ Bey, op. cit., p. 37.

parasitar a própria net”.²¹ Um mapa da informação, entendido como projeção cartográfica da rede como um todo, necessariamente incluiria elementos do caos. A Teoria do Caos, prossegue Bey, pressupõe a impossibilidade de um sistema de controle universal e por isso a rede oficial não seria capaz de conter a *web* ou a *contra-net*, ou seja, o fluxo livre de informações, a pirataria de dados e as transmissões não-autorizadas.

Deleuze e Guattari afirmam que o Estado tem como uma de suas tarefas fundamentais estriar o espaço sobre o qual reina, empreendendo sempre que possível um processo de captura dos fluxos. Do contrário, os fluxos que o atravessam tomariam, necessariamente, a feição de máquinas de guerra, configurando espaços lisos rebeldes e hostis ao Estado. Por outro lado, as máquinas de guerra estão sempre sob o risco de serem apropriadas pelo Estado. Bey sugere que o estriamento total e definitivo da rede é impossível. A geografia fractal tende ao infinito, ao invisível, ao incontrolável. Logo, a rede – como possibilidade de “desaparecimento de informação” – será vital para a TAZ, sendo esta uma tática de desaparecimento e de não participação na economia do espetáculo.

Debord define o espetáculo, em geral, como inversão da vida, negação visível da vida, lugar do olhar iludido e da falsa consciência. Mais do que produto da difusão maciça de imagens, ou limitado aos meios de comunicação de massa, o espetáculo seria o fundamento da sociedade baseada na indústria moderna e a imagem da economia reinante, um modo de dominação e de relação social entre homens e entre classes, inseparável do Estado. Interessante destacar que o autor se refere ao espetáculo também como mapa-múndi de um certo mundo dominado pela mercadoria e caracterizado pela abstração, pela alienação, pela separação do homem e do produto de seu trabalho, do homem e do seu próprio mundo, do homem e do homem, do homem e da vida. Define-o ainda como capital acumulado a tal ponto que se torna imagem. Qualquer escolha exterior a este reino da aparência, à hierarquia do consumo seria interpretada como a escolha de sua destruição. O espetáculo seria uma espécie de cativo do pensamento.²²

Hakim Bey conclui que sem a web a completa realização da TAZ não seria possível. “O pleno potencial das redes de informação não hierárquicas aponta para o computador como seu instrumento por excelência.”²³ A TAZ não quer ganhar existência exclusivamente

²¹ Idem, pp. 31 e 32.

²² Cf. Guy Debord, 1997

²³ Bey, op. cit., p. 42.

através da rede digital, não quer ser puramente virtual, mas não pode dela prescindir, pois, por sua própria natureza, observa o autor, utiliza qualquer meio disponível para concretizar-se. De outra forma: a TAZ usa o computador porque ele existe.

A TAZ é uma batalha por outra realidade. Para além dos fluxos eletrônicos, anota Bey, o princípio da TAZ deve ser afirmado no cotidiano como arte de viver em contínua elevação, selvagem, mas gentil, seja num jantar íntimo, numa festa ou no carnaval de rua. Neste contexto, importa ser autônomo, a qualquer custo ou prejuízo, mesmo de forma ilegal ou desorganizada. Trata-se de construção de moralidades privadas, espiritualidade dos espíritos livres. As condições para a emergência da TAZ como tática radical consciente são a liberação psicológica e a expansão da *contra-net*.

Importante notar que, em Deleuze e Guattari, a interioridade e a exterioridade, a máquina de guerra de metamorfoses e os aparelhos identitários de Estado concorrem e coexistem num campo perpétuo de interação. Do mesmo modo, há nós de arborescência nos rizomas e rizomas que brotam de árvores. Assim como, em Bey, *net*, *web* e *contra-net*, interpenetram-se, misturam-se, comunicam-se. Em vez de lugares, alerta, devemos pensá-los como tendências.

A guerra

Porta-voz do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o subcomandante Marcos afirma ser preferível, ao movimentar tropas, deixar para trás os fuzis, mas não os *laptops*.

Deleuze e Guattari consideram que a máquina de guerra, em sua essência, ou seja, não submetida ao Estado, tem por objeto o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso e o movimento dos homens nesse espaço. E isto a leva à guerra contra o Estado. Crucial, aqui, observar que a guerra ocorre em diversos fronts, pois “um movimento artístico, científico, ‘ideológico’, pode ser uma máquina de guerra potencial”.²⁴

Se tem muito de utópico, a TAZ não pode sê-lo no sentido literal, pois deve existir no tempo e no espaço. Por ser temporária, afirma Bey, a TAZ carece de algumas das vantagens da liberdade com duração e localização estável. Com suas vastidões compactadas

²⁴ Deleuze e Guattari, op. cit. 2002, p. 109.

de tempo e de espaço, a web ofereceria, ao menos parcialmente, uma alternativa para esta deficiência.

A TAZ possui uma localização temporária mas real no tempo, e uma localização temporária mas real no espaço. Porém, obviamente, ela também precisa ter um local dentro da web, outro tipo de local: não real, mas virtual; não imediato, mas instantâneo. A web não oferece apenas um apoio logístico à TAZ, também ajuda a criá-la.²⁵

Não se pode deixar de observar que, ao falar em *web*, Bey extrapola os limites da informática. A abertura e a horizontalidade da estrutura, e não a tecnologia utilizada, é o que importa. O autor cita a comunicação verbal e os correios como meios capazes de estabelecer uma rede de informações. Quando fala em net, porém, reconhece o papel fundamental do computador, ainda que seu declarado “nojo” à cibergnose, isto é, à idéia de superação da carne por vias digitais, ou do palpável pelo virtual, imponha limites e evite uma postura pouco crítica em relação às promessas de redenção pela alta tecnologia. Em sua proposta de proliferação de máquinas de guerra, entendidas como zonas autônomas temporárias, a *web* deve ser empregada como principal sistema de suporte, “capaz de transmitir informações de uma TAZ a outra, ou defender a TAZ, tornando-a ‘invisível’ ou dando-lhe garras, conforme a situação exigir.”²⁶

Dito isto, cabe ressaltar a importância que teriam os hackers na efetivação desta guerrilha eletrônica. “O hacker da TAZ trabalhará para a evolução de conexões fractais clandestinas como um rastreador de fragmentos de informação, um contrabandista, um chantagista, talvez até mesmo como um ciber-terrorista.”²⁷ A questão ganha particular importância se, de fato, estiver correta a premissa do *Critical Art Ensemble* (CAE), segundo a qual o poder da elite do capitalismo tardio teria se libertado de suas bases nacionais e urbanas e, agora, vagaria pelo ciberespaço, tendo sob seu domínio a produção industrial e as forças militares, além de desfrutar dos benefícios da invisibilidade. Por isso, não mais poderia ser afetado pelas mesmas táticas usadas para o confronto com as “forças sedentárias”. A idéia é a de que o espaço virtual teria se tornado tão ou mais importante do que o físico na disputa pelo poder.

²⁵ Bey, op. cit., p. 33.

²⁶ Idem, pp. 33-34.

²⁷ Ibid., p. 38.

A nova geografia é uma geografia virtual, e o núcleo da resistência político e cultural deve se afirmar neste espaço eletrônico. (...) O vocabulário da resistência deve ser expandido para incluir meios de distúrbio eletrônico. (...) Assim como a autoridade localizada nas ruas era combatida por meio de manifestações e barricadas, a autoridade que se localiza no campo eletrônico deve ser combatida através da resistência eletrônica.²⁸

Concluo com algumas questões. Um dos pontos principais se refere à topologia da rede: a estrutura democrática é dada ou, ao contrário, está em jogo? Seu potencial libertário se consolidará ou assistiremos ao seu estriamento definitivo e à conseqüente captura dos fluxos? Governos e corporações assumirão controle absoluto, alterando seu código de modo a torná-la politicamente inofensiva e comercialmente mais lucrativa? Ou haverá sempre a possibilidade de subversão? Enfim, que papel pode a rede efetivamente desempenhar na proliferação de máquinas de guerra/zonas autônomas temporárias?

A pertinência de tais questões torna-se clara quando percebemos que a ofensiva contra a abertura propiciada pela Tecnologia da Informação já se encontra em andamento. A edição de 3 de novembro de 2003 da revista *Newsweek* traz a reportagem *Bringing Down the Internet*, na qual, em tom de alarme, anuncia a iminência de uma ciber crise global, que poderia ser evitada com a cassação de liberdades existentes no ciberespaço.

Para convencer seus leitores da necessidade de tais medidas, a revista desenha um cenário catastrófico. O artigo afirma que recentes ataques de vírus demonstram a vulnerabilidade da Internet. As conseqüências de um grande ataque, prossegue a *Newsweek*, seriam caóticas para empresas, governos e organizações para as quais a rede é parte crucial das operações cotidianas. A própria economia global entraria em queda livre, no que é apresentado por um especialista como ameaça à civilização. A prevenção, ainda de acordo com o artigo, exigiria um alto investimento financeiro para a redefinição dos protocolos da Internet, supostamente inadequados para o amplo uso comercial hoje corrente, e a generalização da criptografia, mesmo no envio rotineiro de e-mails. Alguns especialistas sugerem uma Internet paralela, mais segura, para abrigar o fluxo de informações sensíveis. A conclusão deixa claro o que pode vir a acontecer:

Tais medidas podem tornar a Internet irreconhecível. Imagine ter que pagar pelo envio de mensagens eletrônicas. E imagine governos de todo o mundo unidos para

²⁸ Critical Art Ensemble, op. cit., pp. 32-33.

regular esta mídia, que conquistou o mundo precisamente porque era descentralizada e aberta a todos. É difícil imaginar como reunir vontade política para levar à frente um projeto como esse, a menos que alguma crise torne a necessidade visível para todos.²⁹

É interessante conjugar ao artigo da *Newsweek* a leitura do resultado do *Project Censored*³⁰ de 2003, patrocinado desde 1976 por um grupo da *Sonoma State University*, da Califórnia. A cada ano, o grupo realiza um levantamento que resulta em um ranking com os 25 temas mais ausentes da grande mídia norte-americana. O sexto lugar no ano passado coube ao fechamento do acesso à Tecnologia da Informação. O estudo alerta para o risco de que alterações tecnológicas, associadas a políticas de desregulamentação, venham a limitar radicalmente, e em breve, a diversidade na Internet.

O estudo informa que o acesso discado à Internet nos Estados Unidos é caracterizado como um Serviço de Telecomunicação, cuja regulamentação obriga as companhias telefônicas, detentoras dos meios físicos, a partilhar sua infra-estrutura com outros provedores de acesso. Em 2002, a Comissão de Comunicações Federais (FCC, no original) decidiu incluir o acesso à Internet por banda larga na classificação de Serviço de Informação. A alteração torna o acesso por banda larga livre da lei que rege a telecomunicação. Na prática, permite que grandes corporações neguem a empresas menores o acesso a suas redes, impedindo-as de entrar na competição pelo oferecimento do serviço. O monopólio permitiria às corporações censurar conteúdos e vender acesso à rede em diferentes níveis, como já acontece com a televisão a cabo. A consequência mínima disto é uma grave ameaça à liberdade de informação.

²⁹ Newsweek, 3 de novembro de 2003. A tradução é nossa.

³⁰ Disponível no site <<http://www.projectcensored.org/>>.

Referências bibliográficas:

BEY, Hakim. TAZ, *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

CRITICAL ART ENSEMBLE. *Distúrbio Eletrônico*, São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, São Paulo: Editora 34, 2000.

_____ *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5, São Paulo: Editora 34, 2002.

Periódicos:

ADAMS, Jonathan e GUTERL, Fred. *Bringing Down the Internet*, Newsweek, 3 de novembro de 2003.

Sites:

PROJECT CENSORED: <<http://www.projectcensored.org/>>.

WIKIPEDIA: <<http://en.wikipedia.org/>>.